

DOCUMENTOS PARA O ENSINO

COMO SE SITUAM NO MUNDO OS ALUNOS, AO SAÍREM DO ENSINO SECUNDÁRIO

Para avaliar os conhecimentos dos alunos que abordaram os estudos superiores de Geografia na Universidade de Lisboa no princípio do ano lectivo 1982-1983, um curto inquérito escrito foi efectuado, na primeira aula da cadeira de Geografia Física I, no dia 19 de Novembro de 1982. A finalidade era dupla: 1. saber da preparação geral dos alunos através do domínio das línguas estrangeiras e das opções escolhidas nos campos científicos mais ou menos directamente relacionados com a Geografia; 2. apreciar a maneira como os alunos se situam no Mundo.

I. O INQUÉRITO

1. A POPULAÇÃO INQUIRIDA

Responderam os 118 alunos presentes, dos 180 inscritos na cadeira. A diferença resulta em grande parte da precocidade relativa do começo efectivo deste ano escolar, já que, nos anteriores, só tinha sido possível iniciar as aulas em Janeiro. Muitos alunos novos só apareceram ao longo das semanas seguintes, convencidos de que as aulas ainda estavam longe de ter começado.

Resulta deste facto uma certa sobre-representação dos alunos repetentes (já inscritos no ano anterior, mas que tinham sido reprovados ou desistido da cadeira). Eles são 35% ⁽¹⁾ dos inscritos, mas 51 dos 118 inquiridos, ou seja 43%. No apuramento do inquérito não se tomou em conta a diferenciação aluno repetente/outra pessoa, já que muitos dos primeiros não tinham frequentado efectivamente o curso do 1.º ano de Geografia do ano anterior e que, entre os últimos, figuram pessoas que, de longe de terem saído directamente do ensino secundário, têm atrás de si uma carreira profissional mais ou menos longa.

Pareceu mais importante distinguir os alunos que escolheram, ou não, uma opção de Geografia durante os últimos anos do ensino secundário. São 81 em 118 os que o fizeram, ou seja 69%, 87 (74%) os que escolheram a Biologia, 62 (53%) a Geologia, todas as outras opções sendo citadas por muito poucos alunos: 3 vezes a Química, 2 vezes as Ciências Naturais, a Física e as Matemáticas, 1 vez só a Ecologia, a Economia, a Psicologia e a Sociologia. Importa esclarecer, no

(1) Todas as percentagens indicadas a seguir são arredondadas à unidade mais próxima.

entanto, que as opções de Geografia, Geologia e Biologia eram as únicas expressamente mencionadas no inquérito, ficando dois quadros brancos à disposição dos inquiridos para escreverem outras que lhes parecessem ter alguma relação com a Geografia. É de crer que tenha havido pouca iniciativa a este respeito.

Ainda que os alunos que não deram opção de Geografia durante os últimos anos do ensino secundário sejam relativamente poucos (37, isto é, 31% dos inquiridos), pareceu de interesse confrontar a qualidade relativa de algumas das suas respostas, para melhor averiguar a influência relativa de um ensino especializado de Geografia, confrontado com a formação geral adquirida ao longo do curso.

Uma pergunta de ordem geral dizia ainda respeito aos conhecimentos linguísticos dos alunos, de maneira a poder escolher os textos a estudar ou aconselhar entre os que lhes são realmente acessíveis.

Foi pedido para cada um se situar num dos 3 escalões (não lê, lê com dificuldade, lê com facilidade), a propósito do espanhol, do francês, do inglês e, eventualmente, de outra língua a especificar. Os resultados foram bastante animadores: só 3 alunos declararam saber ler, bem ou mal, uma só língua estrangeira, 47 alunos (40%) 2 línguas, 65 (55%) 3 línguas; 3 alunos afirmaram saber ler 4 línguas estrangeiras. Se 19 dos inquiridos declararam não ler o espanhol, é de crer que não tenham nunca tentado; entre os outros, 67 declararam lê-lo com facilidade, 40 com dificuldade. Um só aluno afirmou não saber ler o francês, enquanto 76 pensam lê-lo com facilidade, 41 com dificuldade. Mais de um terço (35%) dos alunos, ou seja 41 deles, declara não saber ler inglês, 53 afirmam lê-lo com dificuldade e só 24 com facilidade. As únicas outras línguas citadas são o italiano (2 alunos, 1 com facilidade) e o alemão (1, com dificuldade).

Outro resultado do inquérito foi confirmar a generalizada tendência do aluno a procurar informação na folha do vizinho. Ainda que tenha sido claramente dito que não se tratava de um exercício escolar, que o inquérito não teria influência alguma na apreciação final da cadeira e que todo o seu interesse residia na averiguação da diversidade das preparações individuais, inúmeras foram as contaminações detectadas, sem nenhuma procura especial, entre as folhas recolhidas: deplorável e inquietante resultado, tanto mais que a Geografia é um curso que forma, antes de tudo, futuros educadores!

2. O INQUÉRITO

As perguntas relativas à maneira como os alunos se situam no Mundo eram dez, quatro das quais com resposta gráfica (localizar factos no mapa-mundo fornecido), as outras seis com resposta numérica. Estas duas modalidades foram escolhidas para facilitar a exploração do inquérito e também para verificar (a primeira) a capacidade de ler e utilizar uma representação cartográfica muito simples e (a segunda) a apreciação quantitativa que os alunos têm dos factos próximos ou afastados que constituem o Mundo no qual vivem. Foi claramente dito e várias vezes repetido que os números pedidos representavam ordens de grandeza e não precisavam de ser valores exactos.

A resposta a cada pergunta tinha de ser imediatamente escrita, tendo sido realizado todo o inquérito em poucos minutos e imediatamente recolhido.

II. OS RESULTADOS

Vão ser apreciadas a seguir as repostas obtidas, na sua ordem original, com um tratamento sucinto, mas capaz de fazer ressaltar os ensinamentos resultantes. Muito significativa é a proporção, variável segundo as perguntas, dos alunos que não responderam; por ter sido nalguns casos muito pouco elevada, parece evidente que nunca significou má vontade ou desinteresse mas, sim, completa ignorância do facto perguntado.

1. RESPOSTAS CARTOGRÁFICAS

1.ª Pergunta: localizar o Equador.

Todos (menos 8) responderam e desenharam uma linha. Das 8 abstenções, 5 dizem respeito a alunos com opção de Geografia, 3 a alunos que não deram esta opção.

As figuras 1 A e 1 B indicam respectivamente algumas das 76 respostas dos alunos com opção de Geografia, sendo incluídas todas as respostas "extremas", e as 34 respostas dos alunos sem opção. Ressalta claramente destas figuras (e ainda mais da consideração de todas as respostas), que o facto de não se ter incluído a Antárctida no desenho dos continentes levou a maioria dos alunos a empurrar para o Norte o equador, numa posição mais ou menos simétrica em relação aos continentes representados. Como se pode ver, muitos "equadores" são, além disso, fortemente oblíquos em relação ao traçado verdadeiro. Os resultados dos alunos com opção de Geografia são sensivelmente piores do que os dos seus discípulos.

2.ª Pergunta: localizar o Himalaia.

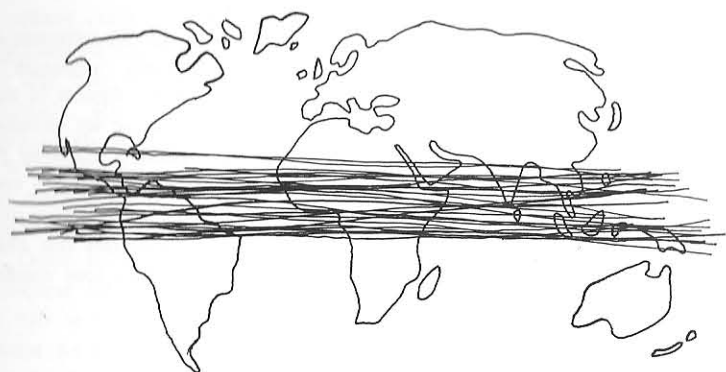
22 alunos não responderam (12 com opção de Geografia, 10 sem opção). As respostas representadas pelas figuras 2 A e 2 B mostram desta vez uma ligeira superioridade dos alunos que tiveram um ensino de Geografia nos últimos anos do seu curso. Admitiu-se como exacta qualquer figuração (aliás geralmente pontual) situada no espaço assinalado. De uma maneira geral, obtiveram-se 18% de ausência de resposta, 47% de resposta errada e 35% de resposta correcta.

3.ª Pergunta: localizar o Brasil.

Foi, de longe, a pergunta que obteve melhores respostas: só 3 casos de abstenção e a grande maioria das localizações aceitáveis, senão exactas; uma só foi aberrante, na forma de um ponto situado em Angola. Todas as outras diziam respeito à parte ocidental da América do Sul. É, no entanto, necessário dizer que 50% dos alunos responderam de uma forma pontual e que, dos 47% que delimitaram linearmente um espaço, muito poucos foram os que o fizeram de maneira aproximadamente exacta: certos "Brasis" abarcam ao norte a Venezuela, outros ultrapassam ao sul o Rio da Prata ou englobam, até, toda a Patagónia.



A - Alunos com opção de Geografia
(algumas respostas, tendo em conta os extremos)



B - Alunos sem opção de Geografia

Fig. 1 — Localização do Equador.

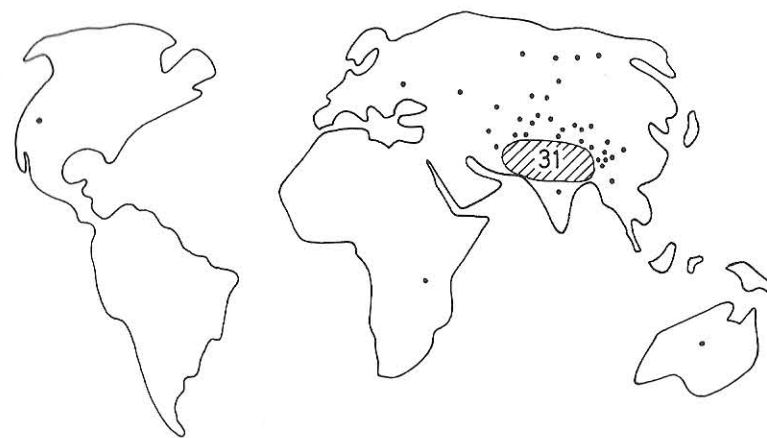
Não há dúvida que o Brasil faz parte da cultura geográfica do jovem português; seria interessante averiguar em que medida o contacto diário com imagens do Brasil, realizado através das novelas televisíveis tem, ou não, influenciado este conhecimento razoável da localização do País irmão.

4.ª Pergunta: localizar a corrente do Golfo.

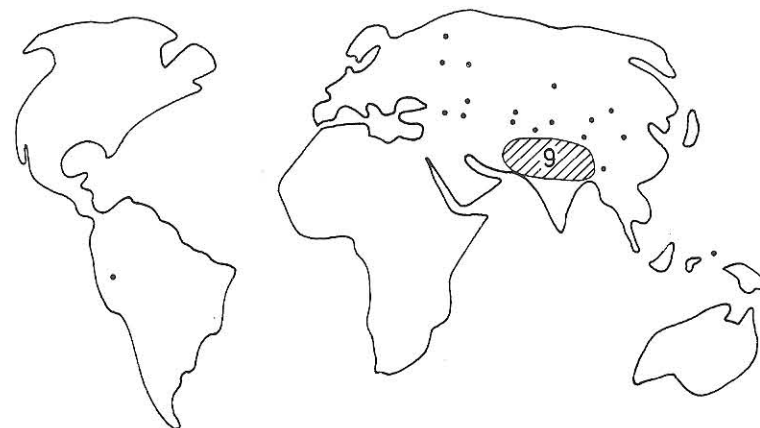
Houve 47 abstenções (40% dos inquiridos), sendo a percentagem de 33% dos que deram a opção de Geografia e de 54% dos outros. Só 22% dos alunos tiveram a ideia de responder através de uma seta (ou, mais prudentemente, de uma linha), tendo os outros 38% respondido pontualmente. A maioria das respostas localiza-se no Atlântico Norte e mesmo, em geral, na sua parte ocidental. Mas

a localização e orientação das setas, quando desenhadas, são as mais variadas. Só 2 delas podem ser consideradas como exactas, saindo do Golfo do México ao norte de Cuba e apontando para nordeste.

Notam-se 15 respostas aberrantes, pontos, linhas ou setas situadas no Pacífico oriental ou no Atlântico Sul (confusões prováveis com as correntes de Humboldt ou de Benguela) e, o que é mais curioso, um enxame de 6 pontos e uma linha na parte nordeste do Oceano Índico (influência provável da "Guerra do Golfo", referida pelos jornais e televisão).



A - Alunos com opção de Geografia



B - Alunos sem opção de Geografia

Fig. 2 — Localização do Himalaia.

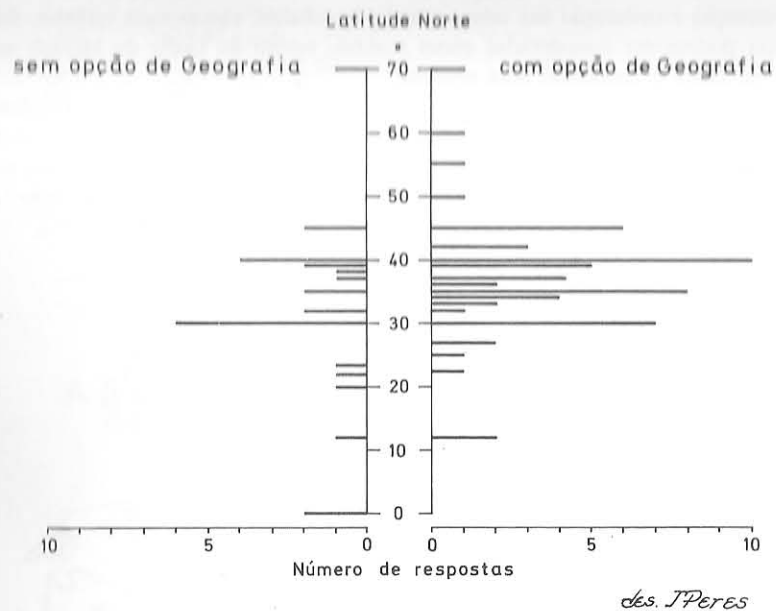


Fig. 3 — Latitude de Lisboa.

2. RESPOSTAS NUMÉRICAS

5.ª Pergunta: a latitude de Lisboa.

Houve 26 abstenções (22%), a percentagem sendo de 20% entre os que deram opção de Geografia, de 27% entre os que a não deram. A figura 3 apura as respostas obtidas. Vê-se que há uma certa concentração de valores entre 30° e 40° N, com a localização habitual nos valores “redondos”, sendo a latitude exacta praticamente ignorada. Os valores aberrantes (que vão de 0° a 70° N) sugerem que muitos alunos, mesmo entre os que responderam, ignoram absolutamente o que é a latitude de um lugar. Aliás, verificações feitas posteriormente mostraram que muito poucos eram os alunos capazes de situar um lugar no mapa pelas suas coordenadas geográficas e ainda menos os que sabiam que a circunferência da Terra é de 40 000 km; quanto a ter ouvido dizer que o sistema métrico deriva deste valor, só alguns dos mais velhos!

6.ª Pergunta: duração do dia no Equador no solstício de Junho.

Houve 33 abstenções (28%) mas, a despeito da sugestão maliciosa de uma variação ao longo do ano, 66 alunos (56%) souberam dar a resposta certa: 12 horas (ou dia igual à noite). As 19 respostas erradas dão os valores seguintes: 0 hora, 8, 10, 15, 17, 20, 24 e 25 (!) horas ou a afirmação do dia ser mais comprido do que a noite.

7.ª e 8.ª Perguntas: comprimento do rio Tejo, comprimento do rio Amazonas.

A finalidade destas perguntas, apresentadas sucessivamente, era dupla: apreciar a capacidade do aluno lisboeta em avaliar a dimensão total do rio que faz parte da sua paisagem familiar; verificar em que medida ele o sabia comparar ao maior organismo fluvial do Mundo.

Houve 42 abstenções em relação ao comprimento do rio Tejo, 64 em relação ao Amazonas (36% e 54% respectivamente), não se notando grande diferença segundo a formação. A dimensão do rio Tejo (que é da ordem dos 1000 km) é muito geralmente subestimada: 46 respostas dão 500 km ou menos, e há, até, um mini-Tejo de 50 km e três outros de 100 km! Em contrapartida, há dois de 2000 km, um de 3000 km e outro de 4000 km. Quanto ao Amazonas (cujo comprimento é da ordem dos 6000 Km), verifica-se a mesma tendência a encurtá-lo: 26 respostas vão de 5000 km para baixo e só 10 respostas de 8000 km até... 100 000 km.

É evidente que, para numerosos alunos, dimensões ou distâncias avaliadas em centenas ou milhares de quilómetros não significam absolutamente nada. Para apreciar se, à falta da noção das distâncias absolutas, os alunos têm ideia das dimensões relativas de rios que quase atravessam, respectivamente, a Península Ibérica e a América do Sul, calculou-se a razão das duas dimensões indicadas. A maioria (28 sobre 54) sobrestima o Tejo em relação ao Amazonas (há até um caso do Tejo maior do que o Amazonas), mas há também quem julgue o Amazonas 75 vezes, 107 vezes ou até 250 vezes mais comprido que o Tejo. Na realidade a dispersão é total e pode-se dizer que o aluno médio, ao sair do ensino secundário não tem a menor ideia das dimensões do Mundo em que vive, nem do ambiente próximo (a Península Ibérica), nem do conjunto do Globo, do qual ouve falar diariamente no noticiário da Televisão, mas sem nenhuma noção exacta da localização e da dimensão dos lugares referidos.

9.ª e 10.ª Perguntas: temperatura média do mês mais frio em Lisboa e na Guarda.

Como nas perguntas anteriores, tentou-se comparar um conhecimento de experiência directa, a temperatura em Lisboa (ainda que na forma um pouco abstracta, mas muito escolar, da temperatura média mensal) com outra que, em relação pelo menos à maioria dos alunos, só resulta de informação didáctica, livresco ou televisível. Com efeito, era interessante verificar se a actual forma do Boletim Meteorológico diário, que dá grande realce ao quadro das temperaturas (aliás mínimas e máximas e não médias) tem, ou não, influenciado este tipo de conhecimento.

Parece, pelo menos, ter evitado as abstenções: foram só 5 alunos que não responderam e 7 que responderam de maneira vaga ou incompleta. A temperatura em Lisboa é, como é natural, melhor conhecida que a da Guarda. Os valores apurados constam da figura 4. Nota-se certa tendência a exagerar o frio invernal, sobretudo em relação à Guarda onde, não raro, deve ter havido confusão entre temperatura média e mínima.

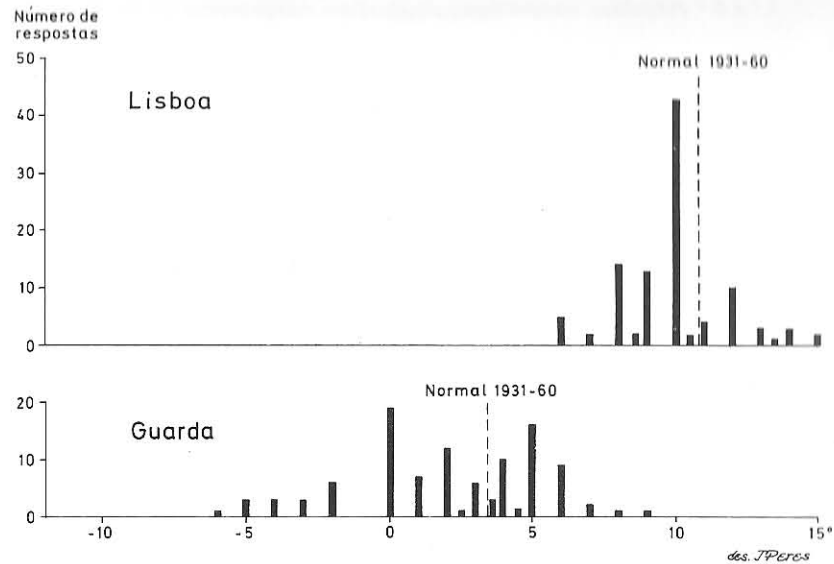


Fig. 4 — Temperatura média do mês mais frio em Lisboa e na Guarda.

As várias correlações que se tentaram a propósito destas perguntas (diferença entre as temperaturas de Lisboa e Guarda, respostas dos alunos que escolheram, ou não, a opção a Geografia, repetentes ou não repetentes) não manifestaram nenhuma tendência nítida. Comparado à capacidade de localização no Mundo, o conhecimento do clima de Portugal aparece quase aceitável.

CONCLUSÃO

Os programas de Geografia do ensino secundário português são ambiciosos, teóricos e variáveis. O enunciado dos seus "objectivos didácticos operacionais" (!) revela amplitude inquietante insegurança dos conhecimentos dos seus anónimos autores. Não se nega o interesse de certas experiências pedagógicas, mas estas não devem fazer perder de vista que, no Mundo actual mais do que nunca, a missão do ensino é fornecer uma base segura e coerente, onde inserir a massa enorme, superficial e atraente das informações que chegam diariamente aos jovens.

Quanto mais vasto e diversificado o mundo de ideias, lugares e povos ao seu alcance, mais certas devem tornar-se as noções básicas.

Da mesma forma que o desenvolvimento iminente da informática não pode fazer desprezar o cálculo mental, a capacidade de avaliar a verosimilhança da resposta obtida, o manejo e a crítica dos superabundantes dados constantemente fornecidos já pela estatística e a teledeteção exigem que todo o cidadão saiba situar-se no Mundo e tenha uma ideia razoavelmente segura e equilibrada da variada face do nosso planeta.

SUZANNE DAVEAU
CARLOS SIRGADO